

Econ. Brasil

66

A crise não afeta os negócios

EMPRESÁRIOS AINDA OTIMISTAS COM 2º SEMESTRE, APESAR DOS DESENCONTROS DO GOVERNO E DOS BOATOS SOBRE FHC.

GIOVANNA PICILLO

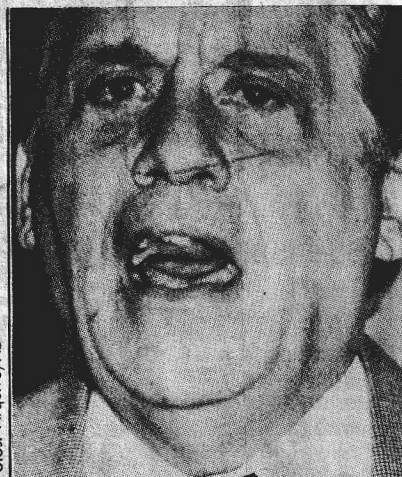
Os boatos que chacoalharam o mercado financeiro na semana passada sobre a demissão do ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, ainda não chegaram a afetar os negócios. Planos para o segundo semestre começam a ser tocados, apesar do medo de que a escalada inflacionária e outra mudança na equipe econômica possam comprometer negócios. "Não sou candidato à Presidência da República e o mais importante é que o presidente Itamar dá apoio ao ministro da Fazenda", disse FHC no final da semana, visando acalmar o mercado. Por enquanto, os empresários sustentam o apoio ao ministro e consideram que há muita especulação e pressões políticas.

A insegurança abriu espaço para os defensores de novo congelamento de preços. Criticada por boa parte do empresariado, a medida é defendida, nos bastidores, por setores preocupados com o

impacto da inflação em suas vendas. "Há muitos empresários que voltaram a defender o congelamento de preços", constata o consultor Gil Pace, da GPC Consultores. Trabalhando com margens de lucro satisfatórias, por causa da bolha de consumo registrada até maio último, esses empresários temem que a redução no ritmo de crescimento das vendas, ocorrido no primeiro semestre, comprometa novamente seus resultados. Defendem o congelamento, para evitar redução de suas margens.

Tal pressão, porém, encontra mais resistência do que apoio. Só parece ter ganho fôlego por causa do clima de insegurança. "É mentira que a sociedade espere medidas fortes", diz Sérgio Habersfeld, presidente da Toga Embalagens. "Há muita pressão e já começa a haver instabilidade". Para o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Fundição (Abifa), Adauto Ponte, "há muita gente interessada na desestabilização".

Fotos: Arquivo/AE



“NÃO SOU CANDIDATO. O MAIS IMPORTANTE É QUE O PRESIDENTE DÁ APOIO AO MINISTRO”

(Fernando Henrique Cardoso)



“O QUE A SOCIEDADE QUER SÃO MEDIDAS FORTES NO CONTROLE DE GASTOS, MAS ISTO É INCONVENIENTE PARA OS POLÍTICOS”

(Roberto Vidigal, presidente do Grupo Confab.)



“SE A INFLAÇÃO SUBIR MUITO, OS PLANOS DE NOSSA EMPRESA PODEM SER COMPROMETIDOS”

(Luiz Antonio Viana, diretor do grupo Pão de Açúcar.)